



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Ciência da Informação – FCI

## **ANTIGAS LIVRARIAS DA BAHIA: AS PRIMEIRAS BIBLIOTECAS DO BRASIL**

Gabriel Cardoso do Amaral – matrícula: 14/0074392

Brasília - DF

2017

Gabriel Cardoso do Amaral – matrícula: 14/0074392

**ANTIGAS LIVRARIAS DA BAHIA: AS PRIMEIRAS BIBLIOTECAS DO  
BRASIL**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de  
Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da  
Universidade de Brasília

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília - DF

2017

## CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

---

AM485a

Amaral, Gabriel Cardoso do

Antigas livrarias da Bahia: as primeiras bibliotecas do Brasil / Gabriel Cardoso do Amaral;  
orientador Greyciane Souza Lins. - Brasília, 2017.

59 p.

Monografia (Graduação - Biblioteconomia) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. História das bibliotecas. 2. Salvador. 3. Bahia. I. Lins, Greyciane Souza, orient. II. Título.

---



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Ciência da Informação – FCI

**Título:** Antigas livrarias da Bahia: as primeiras bibliotecas do Brasil.

**Aluno:** Gabriel Cardoso do Amaral

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 27 de novembro de 2017.

**Greyciane Souza Lins** - Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

**Dulce Maria Baptista** - Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

**Rubens Cavalcante Junior** - Membro externo

Diretor do Museu da Imprensa Nacional

Licenciado em História

**A todos aqueles que amam a Bahia, seus mistérios e encantos.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado forças para a concretização desta obra. Em seguida, agradeço aos meus pais, Ronaldo e Angélica, por, desde a minha mais tenra idade, terem me incentivado nos caminhos da leitura e dos estudos, bem como por terem sempre batalhado para me propiciar uma vida confortável e feliz. Também agradeço ao meu irmão Rafael e a toda a minha família, em especial, minha companheira de todas as horas, Maria Rosenilda, por estar sempre ao meu lado, fazendo-me sorrir e dando-me forças para cumprir minhas tarefas. Agradeço, ainda, ao amigo Julião por ter sido grande responsável pelo meu despertar para a fascinante história do Brasil. Agradeço, por fim, à minha orientadora, Greyciane, pelo voto de confiança que me deu e a gentileza de orientar-me neste trabalho.

"Verás as igrejas grávidas de ouro. Dizem que são trezentas e sessenta e cinco. Talvez não sejam tantas, mas que importa? Onde estará mesmo a verdade quando ela se refere a esta cidade da Bahia? Nunca se sabe bem o que é verdade e o que é lenda nesta cidade. "

Jorge Amado

## RESUMO

O presente estudo investiga e reúne informações sobre as primeiras bibliotecas do Brasil fundadas na cidade de Salvador, Bahia, no século XVI. Para isso, recorre-se a livros, relatos antigos de viajantes, cartas dos jesuítas e artigos científicos que abordam o tema. Identificam-se duas bibliotecas pioneiras: a Livraria do Colégio dos Jesuítas e a Livraria do Mosteiro de São Bento. Essas instituições foram fundadas ainda no início do Brasil colônia graças ao primoroso trabalho dos monges da Companhia de Jesus e da Ordem dos Beneditinos. A primeira, fundada em 1549, foi tragicamente extinta após a expulsão dos jesuítas no século XVIII, mas ainda se conserva o seu espaço físico, sem os livros que desapareceram, na atual Catedral Basílica de Salvador, bem como sobrevive a instituição que foi dela uma herdeira: a Biblioteca Pública da Bahia. A Biblioteca do Mosteiro de São Bento mantém-se ativa, conservando documentos raros concernentes à história do Mosteiro e da Bahia, aberta ao público e subsidiando alunos da Faculdade São Bento e demais pesquisadores, no mesmo local onde fora fundada em 1582.

**Palavras-chave:** História. Bibliotecas. Salvador. Bahia. Companhia de Jesus. Jesuítas. Mosteiro de São Bento. Beneditinos.

## **ABSTRACT**

The present study investigates and gathers information about the Brazil's first libraries founded in the city of Salvador, Bahia, in the 16th century. For this, we resorted to books, old reports of travelers, jesuit's letters and scientific articles that approach the subject. Two pioneering libraries were identified: the Library of the Jesuit's College and the Library of the Monastery of São Bento. These institutions were founded at the beginning of Brazil colony thanks to the exquisite work of the monks of the Company of Jesus and of the Order of the Benedictines. The first, founded in 1549, was tragically extinguished after the expulsion of the jesuits in the eighteenth century, but its physical space is still preserved, without the books that disappeared, in the present Cathedral Basilica of Salvador, and survives the institution that was its heiress: the Public Library of Bahia. The Library of the São Bento Monastery remains active, preserving rare documents concerning the history of the Monastery and of Bahia, open to the public and subsidizing students of the São Bento College and other researchers, in the same place where it was founded in 1582.

Keywords: History. Libraries. Salvador. Bahia. Company of Jesus. Jesuits. São Bento's Monastery. Benedictines.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 - Vista da cidade de Salvador datada em 1671.....	18
Fig. 2 - O Colégio dos Jesuítas em 1671.....	19
Fig. 3 - O Mosteiro de São Bento em 1671.....	20
Fig. 4 - Gravura do séc. XIX retratando o Terreiro de Jesus com o antigo Colégio dos Jesuítas.....	28
Fig. 5 - Antiga porta de entrada da Biblioteca.....	29
Fig. 6 - Colégio dos Jesuítas em 1625.....	34
Fig. 7 - Colégio dos Jesuítas em 1758.....	35
Fig. 8 - Salão de leitura da Biblioteca Pública da Bahia.....	37
Fig. 9 - Sala do diretor da Biblioteca.....	38
Fig. 10 - Primeira sede própria da Biblioteca Pública da Bahia no dia de sua inauguração em 1919.....	42
Fig. 11 - Sede atual da Biblioteca Pública da Bahia.....	43
Fig. 12 - Imagem atual da fachada da antiga Igreja do Colégio, hoje Catedral Basílica, em cujo interior funcionou por séculos a Livraria dos Jesuítas.....	44
Fig. 13 - Fachada da edificação do antigo Colégio dos Jesuítas e atual Faculdade de Medicina da Bahia.....	45
Fig. 14 - Portal de entrada do antigo colégio dos jesuítas, atualmente Faculdade de Medicina da Bahia.....	45
Fig. 15 - Teto da antiga Biblioteca dos Jesuítas.....	46
Fig. 16 - Portal de entrada da Biblioteca do Mosteiro de São Bento.....	48
Fig. 17 - Interior da Biblioteca do Mosteiro de São Bento.....	49
Fig. 18 - Sala de estudos e porta de entrada do Centro de Documentação e Pesquisa do Livro Raro, da Biblioteca do Mosteiro de São Bento.....	50

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	13
<b>OBJETIVOS</b> .....	14
<b>METODOLOGIA</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1: Contexto histórico: a cidade de Salvador no século XVI</b> .....	16
<b>CAPÍTULO 2: As ordens religiosas católicas: história e características</b> .....	23
<b>CAPÍTULO 3: A Biblioteca do Colégio dos Jesuítas da Bahia</b> .....	27
<b>CAPÍTULO 4: A Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia</b> .....	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil, desde a descoberta de suas terras em 1500, somente foi autorizado a imprimir livros e outras publicações após a transferência da corte portuguesa para cá no ano de 1808. Não somente a impressão de livros era proibida, como não parece ter havido grande preocupação por parte do império no que se refere à educação e à cultura até essa data.

Somente após três longos séculos, finalmente, iniciou-se um investimento governamental significativo no sentido de promover a vida cultural no país, com a instalação de bibliotecas, teatros, universidades e imprensa. Isso porque o Brasil deixava de ser uma mera colônia e passava a ser a sede do Império Português. É notório que outros países do continente americano de colonização espanhola tiveram, já no século XVI, instituições como as universidades que só foram implementadas no Brasil a partir de 1808.

Entretanto, algumas importantes bibliotecas e instituições educacionais, a despeito da displicência do Império Português, foram construídas no início do Brasil colonial, ainda no século XVI, graças ao primoroso e abnegado trabalho dos monges das ordens religiosas católicas, especialmente a Companhia de Jesus e a Ordem dos Beneditinos.

A história das bibliotecas no Brasil ainda é um tema pouco explorado. Uma das poucas obras que aborda o tema é o livro de Rubens Borba de Moraes *Livros e bibliotecas no Brasil colonial* (2006) e também o livro *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil* (SCHWARCZ; AZEVEDO; COSTA, 2007). O primeiro livro é um dos poucos que aborda algo sobre essas que foram as primeiras bibliotecas do Brasil, instaladas na cidade de Salvador-BA, a partir de 1549, com a fundação da cidade de Salvador e do Governo Geral do Brasil. O segundo é uma obra bastante profunda, mais extensa que a primeira, porém retrata uma biblioteca fundada no Brasil em período da história muito posterior (29 de outubro de 1810), concentrando-se especificamente na história da Biblioteca Nacional e suas origens nas bibliotecas

dos reis em Portugal.

Vasculhando-se as publicações científicas sobre o tema história das bibliotecas, encontram-se alguns artigos, monografias e dissertações que abordam a história de bibliotecas brasileiras criadas em períodos mais recente da história, como em Silva (2006), Nunes (2007) e Galisteo (2007). Sobre as primeiras bibliotecas fundadas ainda no século XVI, encontra-se pouquíssima literatura. O único artigo encontrado que aborda o tema foi o de Silva (2008), o qual trata das bibliotecas jesuítas a partir da obra de Serafim Leite e cita algumas informações interessantes sobre a Livraria (biblioteca) do Colégio Jesuíta da Bahia. Há ainda a tese de Araújo (2008) que trata da Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo.

Considerando a relevância do tema e as lacunas existentes na literatura, o presente trabalho explora o seguinte problema: como eram as primeiras bibliotecas construídas na Bahia do século XVI e o que ainda resta delas hoje?

## 2. JUSTIFICATIVA

É de fundamental importância para uma nação a preservação de sua memória. A nação brasileira, dentre muitas de suas carências, necessita preservar melhor a sua memória. Para tanto, se faz necessário a realização de estudos que permitam, cada vez mais, um maior conhecimento da nossa história. A história de nossas instituições culturais, especialmente de nossas bibliotecas, merece especial atenção, tendo em vista ser ainda pouco conhecida e divulgada.

Verificando a extrema relevância do tema e a maior necessidade de exploração do mesmo, o presente estudo pretende ajudar no preenchimento dessa lacuna, reunindo informações sobre as primeiras bibliotecas do Brasil, fundadas na Bahia do século XVI, de forma a contribuir para o resgate e preservação da memória nacional.

### 3. OBJETIVOS

O presente estudo terá como objetivos:

Objetivo geral:

Reunir informações sobre as primeiras bibliotecas do Brasil fundadas na cidade de Salvador-Bahia no século XVI.

Objetivos específicos:

- Identificar quais foram as primeiras bibliotecas do Brasil e levantar quais a suas características, a sua localização e em que período histórico existiram;
- Compreender melhor o contexto histórico em que essas instituições estão inseridas.
- Investigar o que delas ainda existe hoje (acervo, espaço físico, registros na literatura, etc);
- Buscar entender quem foram os responsáveis pela fundação de tais bibliotecas e qual a função social das instituições às quais as bibliotecas estavam/estão vinculadas.

#### 4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Trata-se de pesquisa histórica de cunho descritivo sobre as instituições bibliotecárias fundadas no século XVI na Bahia.

Compreendeu as seguintes etapas:

A primeira etapa da pesquisa consistiu em levantamento bibliográfico junto a literatura especializada. Nessa etapa, foi realizada busca em bibliotecas e bases de dados para o levantamento dos livros e artigos já escritos sobre o assunto por pesquisadores. Para busca, utilizaram-se os termos: história, biblioteca, bahia, jesuítas, beneditinos, mosteiro de são bento.

A segunda etapa do estudo consistiu em levantamento bibliográfico e documental de textos escritos entre os séculos XVI e XIX que trouxessem relatos sobre a Bahia e suas bibliotecas. Também buscaram-se imagens, do mesmo período, que retratassem a cidade de Salvador.

A terceira etapa do estudo consistiu em levantamento bibliográfico sobre as ordens religiosas responsáveis pela fundação das primeiras bibliotecas.

Considerando-se o caráter historiográfico do estudo, realizou-se, portanto, uma pesquisa bibliográfica e documental, já que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (...) A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários. (GIL, 2008, p. 50)

A pesquisa foi também documental, tendo em vista que foram analisadas cartas jesuíticas, imagens antigas e relatos de viajantes, que são fontes primárias, conforme definição de Richardson e col. (1989).

Após o levantamento bibliográfico e documental, os dados foram organizados na forma de texto monográfico.

## **CAPÍTULO 1: Contexto histórico: a cidade de Salvador no século XVI**

É bastante sabido que a história do Brasil colonial se inicia com a chegada das naus e caravelas da frota de Pedro Álvares Cabral em 22 de abril de 1500, muito bem documentada na Carta de Pero Vaz de Caminha, transcrita na íntegra em Castro (2008).

Foi na região do sul da Bahia, nas cercanias dos atuais municípios de Porto Seguro, Prado e Santa Cruz de Cabrália, que se deu o primeiro contato dos portugueses com as terras brasileiras e os povos que já a habitavam.

Pouco tempo depois, o explorador Gaspar de Lemos descobre o local que ele batizou de Bahia de Todos os Santos, por ter ali chegado em 1º de novembro de 1501, dia de Todos os Santos (SILVA, 1957). E foi esse o local escolhido pelo Império Português, tendo em vista a ótima localização geográfica e a ampla baía propícia para a instalação de um grande e seguro porto, para a fundação da cidade de Salvador.

Gabriel Soares de Souza, antigo senhor de engenho da Bahia que nela chegou em 1569, nos oferece um importante testemunho histórico de como se deu a fundação da cidade de Salvador. Em seu livro *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, eles nos conta que a primeira tentativa de povoação da região se deu pelo comando de Francisco Pereira Coutinho que foi declarado, pelo rei Dom João III, donatário da Capitania da Bahia de Todos os Santos. Francisco Pereira e seus homens se estabeleceram no local onde hoje se localizam os bairros da Barra e Graça em Salvador e, após alguns anos de paz, passou a enfrentar ataques dos índios que já ali residiam antes de sua chegada. Francisco Pereira teve que fugir para a Capitania dos Ilhéus e, após promessa de paz por parte dos índios, decidiu voltar. Contudo, já na chegada à Bahia de Todos os Santos, naufragou na Ilha de Itaparica e teve um final trágico: foi devorado por índios tupinambás antropófagos. (SOUZA, 2001)

Essa primeira povoação ficou conhecida como Vila Velha ou Vila do Pereira. Apesar da morte de Francisco Pereira, permaneceu habitando esta vila o náufrago Diogo Álvares, o famoso

Caramuru (SOUZA, 2001). Diogo Álvares, que se casou com a índia Catarina Paraguaçu, ganhou respeito dos índios e serviu de importante interlocutor entre os europeus e os nativos no início do Brasil colônia.

Considerando a importância de se tomar posse não só da Bahia de Todos os Santos como de toda a colônia do Brasil, o rei de Portugal deu ordem para a fundação da cidade onde seria instalado o Governo Geral do Brasil. Tomé de Sousa, homem de confiança do rei e com larga experiência nas guerras da África e Índia, foi o escolhido para ser o fundador dessa cidade. No ano de 1549, desembarcou na antiga Vila do Pereira e, após exploração dos arredores, decidiu fundar a cidade um pouco mais para dentro da Bahia, numa área mais protegida, onde hoje se encontra o Centro Histórico de Salvador:

Como Tomé de Sousa acabou de desembarcar a gente da armada e a assentou na Vila Velha, mandou descobrir a baía, e que lhe buscassem mais para dentro alguma abrigada melhor que a em que estava a armada para tirarem daquele porto da Vila Velha, onde não estava segura, por ser muito desabrigada; e por se achar logo o porto e ancoradouro, que agora está defronte da cidade, mandou passar a frota lá, por ser muito limpo e abrigado; e como teve a armada segura, mandou descobrir a terra bem, e achou que defronte do mesmo porto era melhor sítio que por ali havia para edificar a cidade, e por respeito do porto assentou que não convinha fortificar-se no porto de Vila Velha, por defronte desse porto estar uma grande fonte, bem à borda da água que servia para a aguada dos navios e serviços da cidade o que pareceu bem a todas as pessoas do conselho que nisso assinaram. E tomada esta resolução, se pôs em ordem para este edifício, fazendo primeiro uma cerca muito forte de pau a pique, para os trabalhadores e soldados poderem estar seguros do gentio. Como foi acabada, arrumou a cidade dela para dentro, arruando-a por boa ordem com as casas cobertas de palma, ao modo do gentio, nas quais por entretanto se agasalharam os mancebos e soldados que vieram na armada. E como todos foram agasalhados, ordenou de cercar esta cidade de muros de taipa grossa, o que fez com muita brevidade, com dois baluartes ao longo do mar e quatro da banda da terra, em cada um deles assentou muito formosa artilharia que para isso levava, com o que a cidade ficou muito bem fortificada para se segurar do gentio; na qual o governador fundou logo um colégio dos padres da Companhia, e outras igrejas e grandes casas, para viverem os governadores, casas da câmara, cadeia, alfândega, contos, fazendas, armazéns, e outras oficinas convenientes ao serviço de Sua Alteza. (SOUZA, 2001, p. 100-101)

A narrativa de Gabriel Soares é extremamente valiosa por ser um dos raros escritores do início do Brasil e ter se instalado como senhor de engenho na Bahia poucos anos após a fundação da cidade de Salvador. Em sua narrativa, é importante destacar, cita a relevante informação de que

Tomé de Sousa trouxe padres da Companhia de Jesus e que esses fundaram um colégio. Como veremos mais a frente, foi na igreja anexa a esse colégio que se instalou a biblioteca que, provavelmente, foi a primeira do Brasil.

A cidade de Salvador, portanto, primeira capital do Brasil, foi fundada em um contexto de dominação portuguesa de um território que já era vastamente habitado e, por esse motivo, teve que ser erguida como uma verdadeira cidade-forte, toda murada, aos moldes das cidades medievais, como podemos observar na fig. 1, abaixo.

Fig. 1 - Vista da cidade de Salvador datada em 1671.



Fonte: Montanus (1671)

Na figura 1, observa-se desenho repleto de detalhes que retrata uma vista da cidade de Salvador, atribuído a Arnoldus Montanus e datado em 1671. No desenho, é possível observar a cidade de Salvador ainda cercada por seus muros. No desenho ampliado (fig. 2), é possível se identificar o Colégio dos Jesuítas onde estava localizada a biblioteca que é objeto central do presente estudo. Segundo a legenda da imagem, o colégio é aquele identificado com a letra C. Na legenda, consta a seguinte denominação: "Collegium Jesuitarum". Vê-se, também nessa ampliação, na parte inferior direita, um curioso precursor do atual Elevador Lacerda, um antigo ascensor que já ligava a cidade-baixa à cidade-alta.

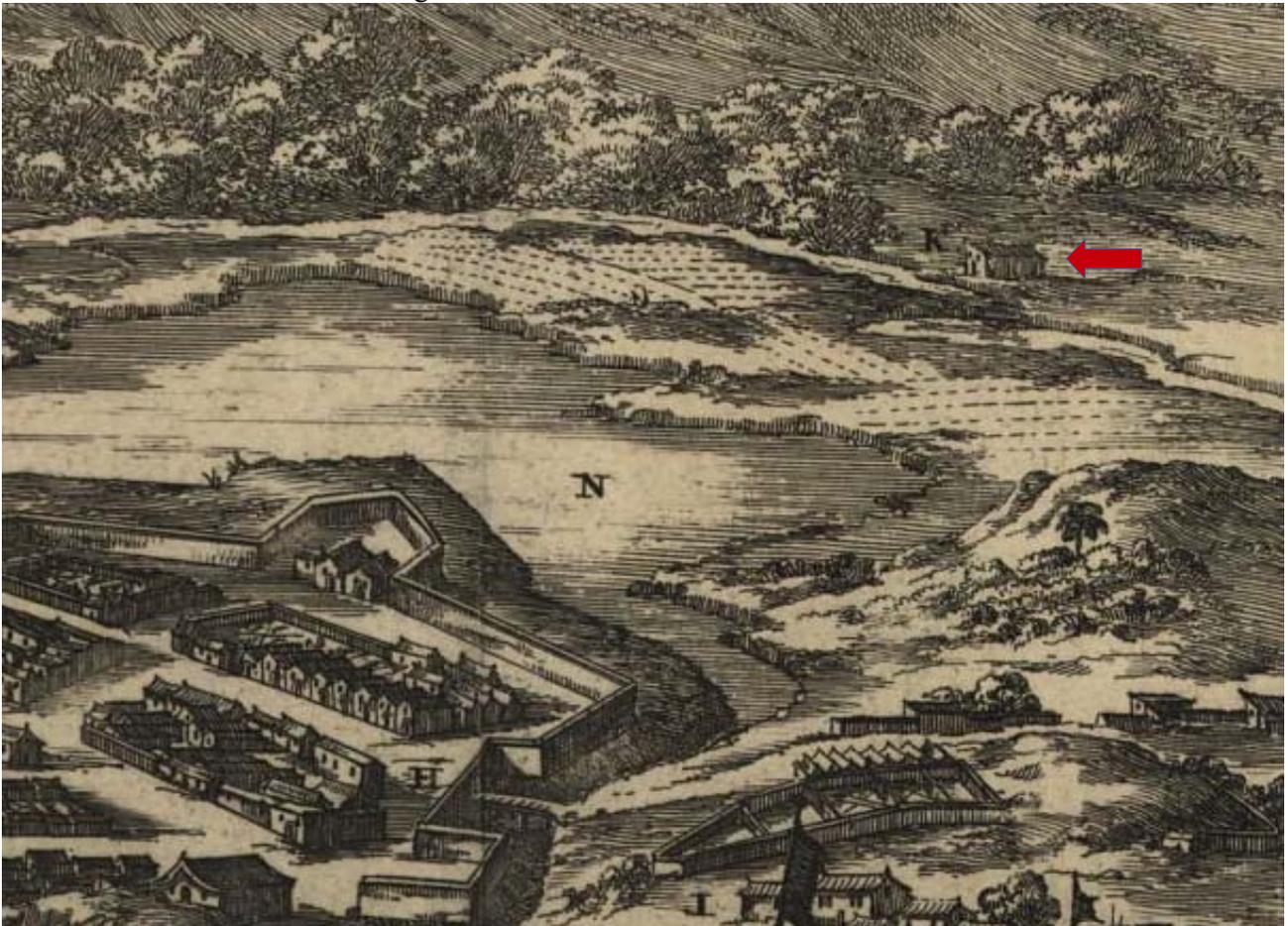
Fig. 2 - O Colégio dos Jesuítas em 1671.



Fonte: Montanus (1671)

Num segundo recorte ampliado da imagem (fig. 3), pode também ser visualizado o Mosteiro de São Bento, ainda como uma simples edificação fora dos muros da cidade e separada desta por um rio que, infelizmente, hoje não existe mais. O mosteiro está identificado com a letra K, no canto superior direito da imagem. Na legenda, consta a seguinte denominação: "Coenobium S. Benti", ou seja, Cenóbio (ou Mosteiro) de São Bento. No interior desse mosteiro, existia (e existe até hoje) a outra biblioteca, que também é objeto do presente estudo.

Fig. 3 - O Mosteiro de São Bento em 1671.



Fonte: Montanus (1671)

Além do ataque dos índios (denominados gentios), a cidade também teria que se defender de outros povos europeus que também cobiçavam aquelas terras. O ataque mais violento à cidade de Salvador se deu algumas décadas após a sua fundação. Foram os holandeses que, no ano de 1624, chegaram em 24 embarcações e conseguiram ocupar a cidade. Após um ano de violenta luta, os

portugueses conseguiram retomar a cidade em 1625. Esse episódio foi em detalhes narrado pelo, famoso por seus sermões e considerado um dos ícones da língua portuguesa, Padre Antônio Vieira. Em seu livro intitulado *Invasão holandesa da Bahia*, Padre Antônio Vieira, que na ocasião da invasão holandesa residia no Colégio dos Jesuítas, também denominado Colégio da Bahia, traz todos os detalhes de como se deu a invasão e expulsão dos habitantes de Salvador e a posterior retomada após difícil luta (VIEIRA, 1955).

Do ponto de vista social, a cidade foi sendo formada por pessoas oriundas de diferentes classes sociais. Havia os membros da nobreza que assumiam os cargos públicos, as lideranças dos engenhos e outras atividades econômicas. Também havia os sacerdotes que tinham por função doutrinar e converter os índios à fé católica, mas que terminaram sendo também os grandes responsáveis pela educação e a cultura, tendo em vista a construção de colégios e bibliotecas, como veremos mais adiante. Existiam ainda aqueles que vinham com o simples objetivo de povoamento daquelas novas terras, muitos, inclusive, forçados (os chamados degredados), como podemos observar em mais uma interessante passagem de Gabriel Soares de Souza:

E logo no ano seguinte, mandou Sua Alteza em favor desta cidade outra armada, e por capitão dela Antônio de Oliveira, com outros moradores casados e alguns forçados, na qual mandou a rainha D. Catarina, que está em glória, algumas donzelas de nobre geração, das que mandou criar e recolher em Lisboa no mosteiro das órfãs, as quais encomendou-se muito ao governador por suas cartas, para que as casasse com pessoas principais daquele tempo; a quem mandava dar em dote de casamento os ofícios do governo da fazenda e justiça, com o que a cidade se foi enobrecendo, e com escravos de Guiné, vacas e éguas que Sua Alteza mandou a esta nova cidade, para que se repartissem pelos moradores dela, e que pagassem o custo por seus soldos e ordenados, e o que mais lhe mandava pagar em mercadorias pelo preço que custavam em Lisboa, por a esse tempo não irem a essas partes mercadores, nem havia para que, por na terra não haver ainda em que pudessem fazer seus empregados; pelo qual respeito Sua Alteza mandava cada ano em socorro dos moradores desta cidade uma armada com degredados, moças órfãs, e muita fazenda, com o que a foi enobrecendo e povoando com muita presteza (...) (SOUZA, 2001, p. 101-102)

Por volta de 1583, segundo o padre Fernão Cardim, a população de Salvador era composta por três mil portugueses, oito mil índios e entre três a quatro mil escravos africanos (CARDIM, 1817). Era, portanto, uma cidade fundada por portugueses, porém ainda majoritariamente habitada

por índios, com uma população negra que já era equivalente, ou até superior, a população branca. Era a essa população heterogênea, com especial atenção aos índios, que as ordens religiosas viriam atender, por meio de amplo trabalho social, educacional e evangelizador.

## **CAPÍTULO 2: As ordens religiosas católicas: história e características**

As ordens religiosas tiveram papel de veras importante na vida cultural do Brasil colonial. Em pleno século XVI, o que atraía fundamentalmente os europeus para as terras tão distantes do Novo Mundo era a possibilidade de exploração das riquezas presentes nessas terras ainda bastante desconhecidas e a produção de novas riquezas com a exploração de solo tão fértil, como Pero Vaz de Caminha sinalizou em sua carta:

Nela agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como de Entre-Douro e Minho, por que neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.  
(CASTRO, 2008 p.115-116)

Tão importante quanto a exploração econômica era, para os portugueses, a disseminação da fé católica, como também evidencia Caminha:

"Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.

E que não houvesse mais que ter aqui Vossa Alteza esta pousada para a navegação de Calicute, isso bastava. Mais ainda, disposição para nela cumprir-se – e fazer – o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: acrescentamento da nossa Santa Fé! (CASTRO, 2008, p.116)

Para o cumprimento dessa missão, vieram ao Brasil missionários de diversas ordens religiosas: franciscanos, jesuítas, beneditinos, carmelitas, dentre outros. Já na viagem do descobrimento, juntamente com o frei Henrique, que rezou a primeira missa em solo brasileiro, foram oito frades franciscanos (SALVADOR, 2010, p. 66).

As ordens religiosas católicas têm sua origem ainda nos primeiros séculos da era cristã, quando diversos líderes, seguindo o exemplo dos Apóstolos, primeiros propagadores da fé cristã, iniciaram o movimento monástico. A palavra monge, que designa os que optam pela vida monástica, tem origem grega e significa "só". Isso por que, em seu início, a vida monástica consistia, para muitos, uma vida eremítica, ou seja, solitária, isolada. Gradativamente, fortaleceu-se

uma outra possibilidade de vida monástica: a cenobítica. Ou seja, os monges passam a se agrupar dentro de um mesmo recinto, denominado cenóbio.

Após o início do movimento monástico nas regiões do oriente médio e norte da África, surge aquele que é considerado o fundador do monaquismo (movimento monástico) no ocidente: São Bento. Por volta do ano 500, esse santo estabelece a conhecida Regra de São Bento e tem sua origem a Ordem Beneditina (ARRUFAT, 1933).

A Ordem dos Beneditinos foi uma das pioneiras no Brasil, estabelecendo-se na cidade de Salvador ainda no século XVI. Foram enviados em 1575 os primeiros monges beneditinos para avaliar a possibilidade de fundação do primeiro mosteiro beneditino das Américas, o qual foi fundado em 1582 (LOSE et al, 2009). No interior do Mosteiro de São Bento, também foi construída uma importante biblioteca, da qual falaremos em mais detalhes no capítulo 4.

Os jesuítas (assim são chamados os membros da Companhia de Jesus) foram os que mais se destacaram inicialmente, até onde se sabe, na tarefa de difusão da cultura e do saber, em solo brasileiro. Aqui chegaram, um pouco antes dos beneditinos, já em 1549, com a armada de Tomé de Sousa e, logo da sua chegada, iniciaram sua obra de evangelização, que, já de início, se preocupou com a construção de igrejas e colégios e, dentro desses, ricas bibliotecas.

A Companhia de Jesus foi fundada em 1539 e aprovada na bula papal de 27 de setembro de 1540. Na ocasião da vinda dos jesuítas para o Brasil, portanto, a sua Companhia tinha apenas 10 anos de fundação. Teve como fundador Santo Inácio de Loyola. No Brasil, seu primeiro líder foi o padre Manuel da Nóbrega (LEITE, 1938).

No episódio, mencionado no capítulo anterior, da invasão holandesa da cidade de Salvador em 1624, ocorreu grande depredação dos templos católicos, tendo em vista que os holandeses não eram católicos, mas sim calvinistas e luteranos. O Mosteiro de São Bento foi, então, transformado em quartel militar holandês até a sua recuperação em 1625, após a expulsão dos invasores (LOSE et al, 2009). Os padres jesuítas também tiveram que abandonar seu Colégio e fugir até a reconquista

da cidade, após um ano de intensa luta (VIEIRA, 1955).

Movidos por forte motivação evangelizadora, os jesuítas terminaram desempenhando papel extremamente relevante na construção da educação brasileira:

Além de se ocupar com a assistência religiosa aos colonos e com a catequese dos índios, os padres se dedicaram de modo especial à educação e ensino de crianças e jovens nas chamadas aulas de ler, escrever e contar. Para tanto, construíram igrejas, colégios, residências e seminários, e instalaram missões. Destacavam-se os colégios, 19 em meados do século XVIII, que funcionavam como verdadeiros centros culturais da época, com atividades literárias, musicais e teatrais. (SILVA, 2008, p. 221)

O trabalho dos jesuítas era de tal forma organizado que, em meados do século XVIII, a Companhia de Jesus já havia construído inúmeros estabelecimentos e adquirido centenas de imóveis que passaram a ser vistos como preciosos bens e alvo de cobiça por parte da Coroa, especialmente, a partir do momento em que o conhecido Marquês de Pombal assumiu o Ministério do Reino. A preocupação com o excesso de bens nas mãos dos jesuítas, somada a outras motivações políticas, ocasionou o confisco de seus bens e a subsequente expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e seus domínios a partir do ano de 1759 (SANTOS, 2008).

Segundo Campos (1942), tratando da expulsão da Companhia de Jesus, "outro objetivo não teve a medida senão apossarem-se os governos da fortuna nababesca que supunham pertencer-lhe." Entretanto, após a expulsão, conforme nos informa o historiador, as riquezas encontradas eram muito inferiores ao que se supunha encontrar:

Vararam-lhe inesperadamente os colégios, residências e templos sem que fossem encontradas as sonhadas divicias. Depois, avaliados os bens confiscados, a importância apurada ficou muitíssimo aquém da avaliação. Assim passou-se na Bahia, por exemplo. Estimado em 1600 contos de réis o espólio dos jesuítas, não entraram para os cofres reais senão 548. Peor aconteceu em outras partes da colônia. Tanta iniquidade, tanta canseira, para tão minguado proveito! (CAMPOS, 1942, p. 147-148)

O fato de acreditar-se firmemente que os jesuítas seriam proprietários de enorme riqueza e, após a devassa de seus bens, encontrar-se uma quantia muito inferior ao que se imaginava possuírem, passou a gerar uma série de lendas no imaginário popular:

No Brasil, onde quer que tenham residido os padres da Companhia de Jesus, correm até hoje lendas tecidas em derredor de supostas riquezas que eles teriam abandonado, ocultando-as em subterrâneos, em esconderijos cuidadosamente dissimulados, ou em caixas de ferro atiradas ao fundo das águas, quando expulsos do país por ordem de Pombal, e de tal maneira que jamais puderam ser encontradas. Mas nem por isso deixa o povo de acreditar firmemente na existência de tais riquezas. (CAMPOS, 1942, p. 147)

A expulsão dos jesuítas, curiosamente, enriqueceu o imaginário popular a respeito daqueles missionários, mas o fato é que essa atitude extrema da Coroa portuguesa representou grave interrupção das atividades tão positivas do ponto de vista educacional e cultural para o Brasil desempenhadas pelos jesuítas, como veremos no capítulo seguinte.

Várias outras ordens religiosas desempenharam papel importante e também fundaram bibliotecas, como os franciscanos que, segundo relato do Imperador D. Pedro II em sua passagem por Salvador em 1859, fundaram uma biblioteca no Convento de São Francisco no ano de 1731 (DOM PEDRO II, 2003, p. 91). No presente estudo, todavia, decidiu-se focalizar as bibliotecas identificadas, até o momento, como as mais antigas: a Biblioteca dos Jesuítas e a Biblioteca do Mosteiro de São Bento. Sobre elas trataremos nos capítulos seguintes.

### CAPÍTULO 3: A Biblioteca do Colégio dos Jesuítas da Bahia

Varrendo-se a literatura a respeito do tema, identificaram-se duas bibliotecas que foram instaladas no Brasil ainda no século XVI: a Livraria do Colégio dos Jesuítas e a Livraria do Mosteiro de São Bento. Ambas foram fundadas na cidade de Salvador-BA, então sede do Governo Geral do Brasil.

A Livraria<sup>1</sup> do Colégio dos Jesuítas se iniciou no ano de 1549 com a fundação da cidade de Salvador por Tomé de Souza, como foi visto no capítulo 1. O brilhante bibliófilo Rubens Borba de Moraes, que prestou enorme serviço a biblioteconomia do Brasil, deixou também um dos raros trabalhos que abordam a história das primeiras bibliotecas em solo brasileiro. Em seu livro *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*, dedica um capítulo para as bibliotecas dos jesuítas que foram instaladas não só na Bahia como também, em um período um pouco posterior, em São Paulo, no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pará, Pernambuco e Maranhão.

De todas as bibliotecas jesuíticas, a de Salvador, era considerada a mais rica. Teve seu início com os livros trazidos pelo Padre Manuel da Nóbrega. Além do Padre Manuel da Nóbrega, a biblioteca teve como bibliotecário o famoso Padre Antônio Vieira (MORAES, 2006).

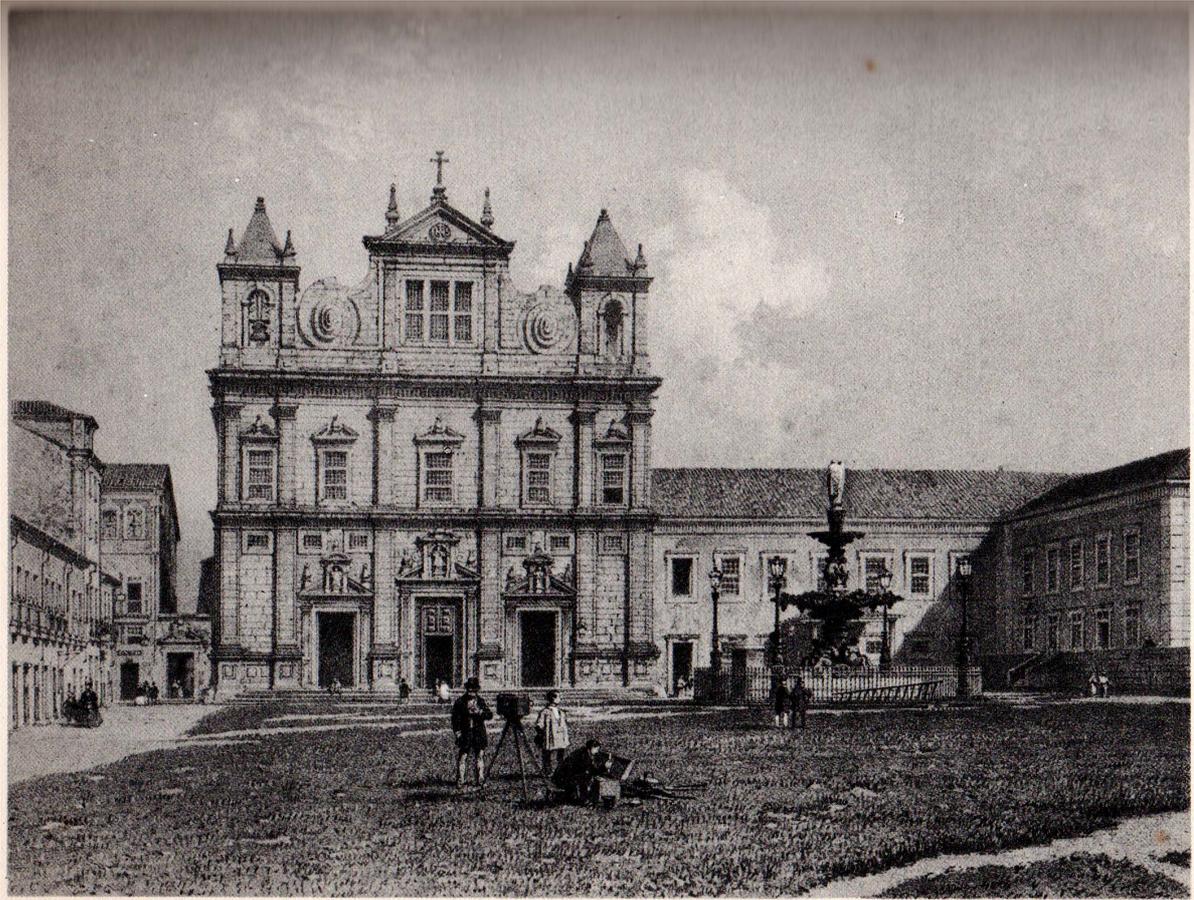
A biblioteca ficava localizada em frente ao Largo do Terreiro de Jesus, no atual bairro do Pelourinho, em Salvador-BA, num suntuoso salão que ficava acima da sacristia da igreja que hoje é a Catedral Basílica de Salvador. A atual catedral era, na época, templo dos jesuítas e, anexo a ele, ao seu lado direito, ficavam as dependências do Colégio dos Jesuítas (LEITE, 1945).

Na figura 4, observa-se uma gravura do século XIX, de autoria de Victor Frond, encontrada como ilustração do livro *Brasil Pitoresco* de Charles Ribeyrolles (1941). Nesta gravura, observa-se o largo do Terreiro de Jesus ainda todo gramado sem a pavimentação atual, e a edificação da antiga Igreja dos Jesuítas com seu colégio anexo à direita.

---

1 Era uso corrente, na época, o termo "livraria" para designar a instituição biblioteca.

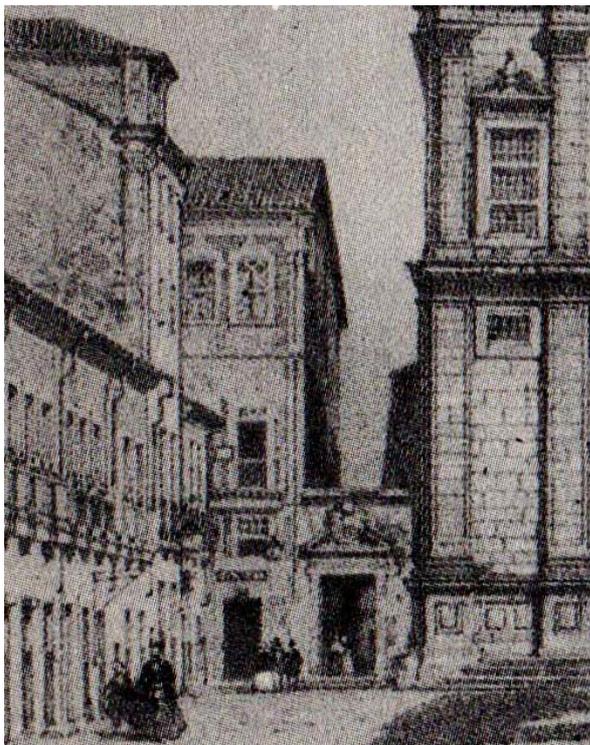
Fig. 4 - Gravura do séc. XIX retratando o Terreiro de Jesus com o antigo Colégio dos Jesuítas.



Fonte: Ribeyrolles (1941). Gravura de Victor Frond.

À esquerda da igreja, é possível ver as edificações que foram demolidas na década de 1930, originando a atual Praça da Sé. Dentre elas, a antiga porta de acesso à Biblioteca, a qual podemos observar na figura da página seguinte (fig. 5), que é um recorte ampliado da referida gravura de Victor Frond. Essa brutal demolição de importantes monumentos da história do Brasil ocorreu a pedido da truste canadense Companhia Linha Circular de Carros da Bahia, que explorava os bondes que circulavam pela cidade de Salvador, bem como a luz, elevadores e telefones da cidade. Não somente a porta de acesso da Biblioteca foi demolida, como também a antiga Igreja da Sé, a primeira catedral de Salvador, que ficava mais à esquerda e não está representada na gravura. É por esse motivo que a atual praça ao lado da antiga Igreja dos Jesuítas (atual Catedral Basílica) é hoje denominada Praça da Sé (AMADO, 1970).

Fig. 5 - Antiga porta de entrada da Biblioteca.



Fonte: Ribeyrolles (1941). Gravura de Victor Frond.

Como podemos observar na figura 5, existia, ao lado esquerdo da Igreja, um acesso externo, que permitia adentrar nas dependências da Biblioteca que ficavam no salão acima da sacristia, sem a necessidade de se passar pela nave da igreja.

O padre Serafim Leite, em sua monumental obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*, foi um dos poucos pesquisadores que conseguiu reunir algumas informações sobre a Biblioteca dos Jesuítas e seus bibliotecários, recorrendo a arquivos e fontes primárias em Portugal, Itália, Espanha, França, Bélgica e Holanda (SILVA, 2008). Segundo ele:

A Livraria do Colégio da Bahia era, no seu tempo, a mais importante do Brasil. Começou-se a organizar em 1549 com os livros, que trouxe Nóbrega. Poucos a princípio, mas o seu aumento não parou nunca. E apesar de ser desfalcada na invasão e ocupação da Baía pelos holandeses em 1624, refez-se depois e na reconstrução do Colégio e Igreja destinou-se e decorou-se para ela um dos mais belos e suntuosos salões do Brasil, cujo tecto, ainda existente, é uma das jóias da pintura brasileira. Em 1694 a grande biblioteca possuía à roda de 3.000 livros (...). (LEITE, 1945, p. 92-93)

Serafim Leite, em suas pesquisas, encontrou informação sobre um bibliotecário que se

destacou por, além de ser "diligente e hábil", ter organizado, talvez, o primeiro catálogo de biblioteca do Brasil. Em seu outro livro *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*, Serafim Leite traz algumas informações sobre esse bibliotecário que se chamava Antônio da Costa:

Natural de Lião (de França), onde nasceu por 1647. Entrou na Companhia, na Bahia, com 30 anos, a 23 de Julho de 1677. (...) Os seus ofícios exprimem-se desta maneira: *encadernador* (bibliopegus"), *tipógrafo* ("typographus"), *impressor* ("impressor"), *bibliotecário* ("bibliothecarius") e *Prefeito da biblioteca* ("Bibliothecae Praefectus"). Sabia latim, e organizou o Catálogo da Biblioteca da Baía. (...) Faleceu no Colégio da Baía a 17 de Outubro de 1722.

–Ignora-se o paradeiro deste precioso Catálogo, se porventura ainda existe.– O uso dos termos "tipógrafo" e "impressor" implica a existência dalguma pequena tipografia, ao menos para impressões miúdas de caráter privado. (LEITE, 1953, p. 147-148)

Sobre esse pioneiro catálogo, denominado *Índice da Biblioteca*, o autor descreve que o mesmo era organizado por matérias e autores e, considerando-se o seu pioneirismo, trava-se de um importante documento que não foi encontrado pelo autor que julga esteja "submerso talvez ainda na papelada dos Arquivos." (LEITE, 1945, p. 94)

O mesmo autor nos traz ainda importante explanação sobre como se caracterizava o corpo de funcionários das bibliotecas jesuíticas, bem como sobre a questão da conservação/restauração do acervo:

Das Bibliotecas da Companhia no Brasil, que foram numerosas e importantes, ocupava-se a princípio um Padre e sempre ficaram sob a superintendência dalgum. Mas com o tempo e acrescentamento delas, e com a necessidade permanente de defender os livros contra o cupim e outros inimigos das Bibliotecas, encarregaram-se Irmãos de os limpar, restaurar e encadernar (...) Quanto aos cargos de Bibliotecário e encadernador (às vezes aparece "livreiro") devem-se entender também no sentido de dirigentes, como para outros ofícios. Havia nos Colégios pessoal menor ou assalariado para ajudar nos trabalhos, sobretudo os de conservação, limpeza e encadernação dos livros. (LEITE, 1953, p. 102-103)

Em 1759, conforme vimos, ocorreu a expulsão dos jesuítas, orquestrada pelo Marquês de Pombal, do Brasil e de todos os demais territórios portugueses. Com a expulsão, o Colégio e, por conseguinte, a biblioteca foram fechados. Leite (1953) relata que, na ocasião do fechamento do Colégio da Bahia, os livros foram avaliados em 5.499\$050 réis.

As informações trazidas por Serafim Leite realmente nos ajudam a compreender um pouco do que foi essa importante biblioteca, tendo em vista ser o trabalho desse autor o mais completo sobre a Companhia de Jesus no Brasil. Existem, todavia, outras informações sobre a biblioteca do Colégio dos Jesuítas dispersas na literatura. Em especial, nas descrições de viajantes que passaram por Salvador nos séculos passados e cartas que nos foram deixadas pelos padres jesuítas.

O padre Manuel da Nóbrega, um dos fundadores da biblioteca como já vimos, escreveu uma infinidade de cartas. Nelas podemos ter uma idéia dos primórdios do Colégio da Bahia onde estava instalada a biblioteca.

Sobre a escolha do local onde seria instalado o Colégio e sua biblioteca, o Padre Manuel da Nóbrega revela, em carta endereçada ao Padre Mestre Simão ainda no ano de 1549, que inicialmente considerava-se a possibilidade de construção do Colégio em local um pouco mais afastado, fora dos muros (então cercas) da cidade, já que se considerava o local que terminou sendo o escolhido (no Terreiro de Jesus) um pouco pequeno:

Eu trabalhey por escolher hum bom lugar para ho nosso Collegio dentro na cerca e soamente acheý hum, que lá vay por mostra a S.A., ho qual tem muitos inconvenientes, porque fica muito junto da See e duas igrejas juntas nom hé bom, e hé pequeno, porque onde se há-de fazer a casa nom tem mais que X braças, posto que tenha ao cumprido da costa 40; e nom tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa muy ingrime e com sojeição da Cidade. E portanto a todos nos parece muito melhor hum teso que está logo além da cerca, para a parte donde se há-de estender a Cidade, de maneira que antes de muitos annos podemos ficar no meo, ou pouco menos da gente, e está logo hi huma Aldea perto onde nós começamos a baptizar, em a qual já temos nossa habitação. (NÓBREGA, 1953, p. 36-37)

Nóbrega prossegue essa carta, relatando que o outro local, em que se pensava em construir o colégio, possuiria água ao seu redor e espaço suficiente para hortas e pomares, todavia, mencionou o inconveniente de não ficar dentro da cidade e haver a possibilidade de guerras com o "gentio". Esse receio do Padre Manuel da Nóbrega parecia não ser tão grande, já que ele previa (corretamente, hoje sabemos) que a cidade iria em breve se estender para além da área cercada. De qualquer forma, a idéia de instalação nesse outro local mais distante foi abandonada e o local

escolhido foi, de fato, o que já sabemos: no atual Terreiro de Jesus.

Em carta escrita em 6 de janeiro de 1550, portanto apenas 1 ano após sua chegada ao Brasil na armada de Tomé de Souza (fato já relatado no capítulo 1), o Padre Manuel da Nóbrega já menciona o recebimento de duas caixas de livros e fala sobre a construção do colégio:

Recebemos cá tudo, de acordo com o que nos escrevem, isto é, duas caixas de livros e ornamentos para as Igrejas, os quais eram necessários porque com ajuda do Senhor se farão Igrejas em muitos lugares. (...) Esperamos também resposta de V.<sup>a</sup> R.<sup>a</sup> para começar o Colégio de Salvador da Baía no qual não haverá tantos gastos como se pensa; com cem cruzados se poderão fazer aposentos de taipa, que bastem neste começo; os estudantes com pouco se manterão. Poder-se-iam fazer de pedra se parecer a V.<sup>a</sup> R.<sup>a</sup>, porque aqui haverá cal muito boa. (NÓBREGA, 1955, p.82)

Em uma carta dirigida ao Rei Dom João III, escrita em 1551, o Padre Manuel da Nóbrega pede a construção de casas e mantimentos para os alunos do Colégio, que já eram por volta de vinte:

O Collégio da Bahia seja de Vossa Alteza para o favorecer por que está já bem principiado e haverá nelle vinte meninos pouco mais ou menos, e mande ao Governador que faça casas para os meninos, porque as que têm são feitas por nossas mãos e são de pouca duração e mande dar alguns escravos de Guiné á casa para fazerem mantimentos, porque a terra é tão fértil que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos (...) (NÓBREGA, 1988, p. 126)

As cartas do Padre Manuel da Nóbrega são muito interessantes para a compreensão do início da construção do Colégio e da Biblioteca ainda nos primeiros anos da fundação da cidade de Salvador. Encontramos em narrativa um pouco posterior (mas ainda do século XVI) de outro padre jesuíta, o padre Fernão Cardim, uma menção explícita à livraria e uma descrição extremamente detalhada do edifício onde estaria instalada, da igreja e do colégio. Esse relato foi fruto de sua passagem pelo local em viagem ocorrida entre os anos de 1583 e 1590:

Os padres tem aqui collegio novo quasi acabado, é uma quadra formosa com boa capella, livraria, e alguns tres cubiculos, os mais delles tem as janellas para o mar; o edificio é todo de pedra, e cal d'ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal; os cubículos são grandes, os portaes de pedra, as portas d'angelim forradas de cedro; das janellas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos os cardumes dos peixes e baleas andar saltando n'agoa, os navios estarem tão perto que quasi ficam á falla; a igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro, tem uma cruz e thuribulo de prata, uma boa custodia para as endoenças, muitos e devotos

painéis das divindades e todos os Apostolos : todos os tres altares tem doceis, com suas cortinas de tafetá crainesim , tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com sancto lenho, tres cabeças das onze mil virgens, com outras muitas e grandes relíquias de sanctos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas mui formosa e devota.

A cerca é mui grande, bate o mar nella , por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perenne de boa agua com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de arvores d'espinho, parreiras de Portugal, as quaes se as podam a seus tempos, todo o anno estão verdes, com uvas, ou maduras ou em agraço, a terra tem muitas fructas; ananazes, pacobas, e todo o anno ha fructas no refeitório; o ananaz é fructa real, dá-se em umas como pencas de cardos ou folha d'erva babosa, são da feição e tamanho de pinhas, todos cheios de olhos, e os quaes dão umas formosíssimas flores de varias côres; são de bom gosto, cheiram bem, para dor de pedra são salutiferos : delles fazem os indios vinho, e tem outras boas comodidades: a maior parte do anno os ha : tem alguns coqueiros, e uma arvore que chamam cuhieira que não dá mais que cabaças, é fresca e muito para ver: legumes não faltam da terra, e de Portugal; bringellas, alfaces, cúves, abobaras, rabãos, e outros legumes, e hortaliça: fóra de casa tão longe como Villa-Franca de Coimbra tem um tanque mui fermoso, em que andaré um bom navio, anda cheio de peixes: junto a elle ha muitos bosques de arvoredos mui frescos, alli se vão recrear os asuetos, e no tanque entram algumas ribeiras d'agoa em grande quantidade.

O Collegio tem tres mil cruzados de renda, e algumas terras adonde fazem os mantimentos; residem nelle de ordinário sessenta; sustentam-se bem dos mantimentos, carnes e pescados da terra, nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser deleixada , e os mantimentos fracos; vestem e calçam como em Portugal, estão bem empregados a uma lição de theologia, outra de casos, um curso d'artes , duas classes de humanidade, escola de lêr e escrever, confissão, e pregar em nossa igreja, sé, &c. outros empregam-se na conversão dos índios, e todos procuram a perfeição com grande cuidado, e serve-se Nosso Senhor muito deste collegio ao que será honra e gloria. (CARDIM, 1817, p. 10-13)

Essa descrição do padre Fernão Cardim é, talvez, a mais detalhada que temos a respeito do Colégio dos Jesuítas da Bahia. Infelizmente, ele não descreveu a biblioteca, porém é importante a menção que faz a ela e a descrição que faz de todo o sítio. Por sua descrição ficamos sabendo que o terreno do colégio, que ficava na cidade alta de Salvador, ia até o mar, na cidade baixa. Já que ele fala que o mar batia na cerca. E, de fato, na figura 6, a seguir, e também na figura 2, anterior, observa-se a extensão do terreno até o mar, com sua ampla e enladeirada área verde, repleta de árvores. Cardim chega às minúcias de descrever até a qualidade dos materiais das instalações: pedra e cal de ostra, portas de angelim, forro de cedro, etc. Também descreve em detalhes os adornos e objetos de decoração: cortinas de tafetá, ornamentos de damasco, veludo verde e carmesim. Até quais plantas existiam no terreno Cardim descreve. Realmente é uma descrição muito rica. A mais

rica escrita ainda no século XVI, provavelmente.

Fig. 6 - Colégio dos Jesuítas em 1625

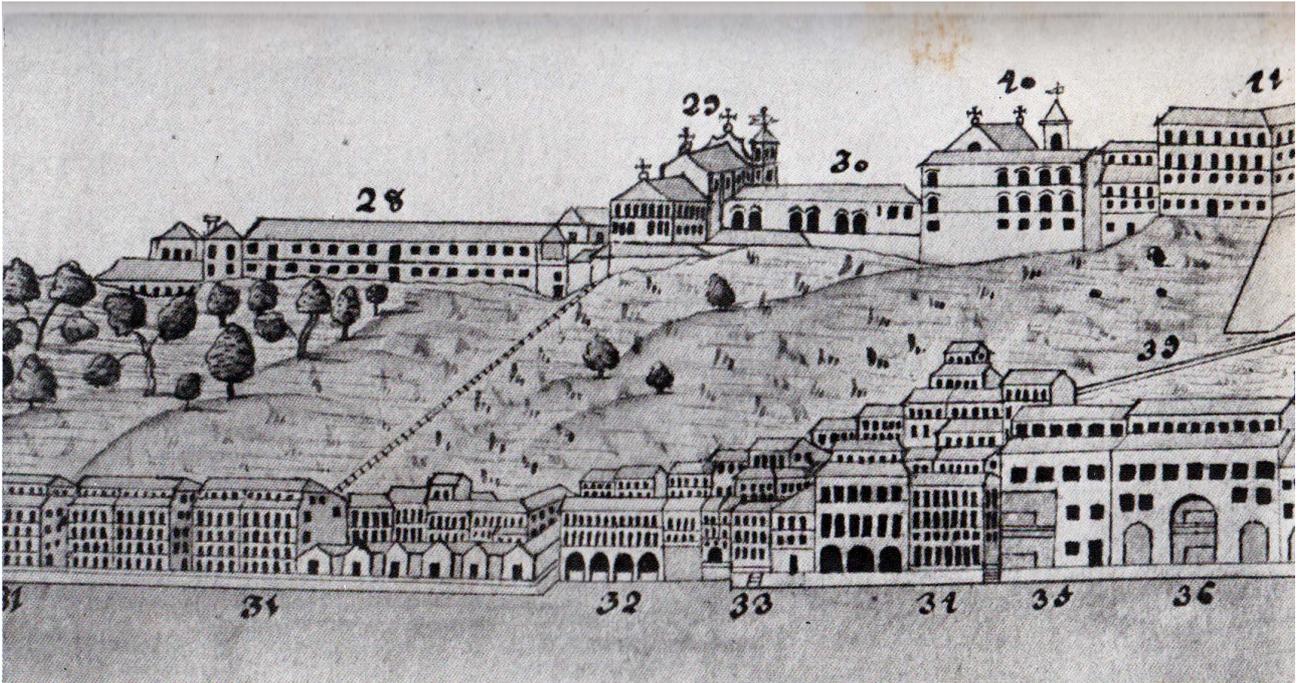


Fonte: Leite (1945).

Na figura 6, acima, observa-se um recorte de gravura impressa em Lisboa em 1625 de autoria atribuída ao Padre Bartolomeu Guerreiro, membro da Companhia de Jesus. A gravura completa original retrata uma planta da cidade de Salvador, na ocasião da retomada desta pelos portugueses, após um ano de ocupação holandesa. Nesse recorte, é possível ver, ao centro, como era a estrutura do Colégio dos Jesuítas, com pátio interno e terreno que dava acesso ao mar, em acordo com a descrição de Cardim. Um outro aspecto interessante e que demonstra a engenhosidade dos padres jesuítas é a instalação que esses fizeram de um dispositivo que possibilitava o transporte de cargas do porto, na cidade baixa, para a cidade alta. Essa fascinante obra de engenharia, que funcionava por simples sistema de pesos e contra-pesos, ficou conhecida por "guindaste dos padres"

e parece estar retratada bem ao centro da figura 6 anterior. Apesar do termo "guindaste" tratava-se, na realidade, de um precursor dos atuais denominados planos inclinados. Na figura 7, a seguir, observa-se, em gravura de 1758, os trilhos do tal guindaste.

Fig. 7 - Colégio dos Jesuítas em 1758.



Fonte: Leite (1945).

Na figura 7, observam-se identificadas pelos números 28, 29 e 30, as edificações do Colégio e Igreja dos Jesuítas, e sua acidentada área verde, cortada pelo então conhecido guindaste. O guindaste dos padres deu origem ao atual Plano Inclinado Gonçalves. E a rua que dá acesso a esse plano inclinado, para o transeunte que desce da cidade alta pela Ladeira da Montanha, é, até hoje, denominada "Rua Guindaste dos Padres".

Também encontramos uma descrição do Colégio dos Jesuítas no livro de Gabriel Soares, que, sendo mais um relato do século XVI, é importante ser apreciada:

Passando além da Sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua mui larga, também ocupada com lojas de mercadores, a qual vai dar consigo num terreiro mui bem assentado e grande, aonde se representam as festas a cavalo, por ser maior que praça, o qual está cercado em quadro de nobres casa. E ocupa esse terreiro a parte

da rua da banda do mar um suntuoso colégio dos padres da Companhia de Jesus, com uma formosa e alegre igreja, onde serve o culto divino com mui ricos ornamentos, a qual os padres têm sempre mui limpa e cheirosa.

Tem este colégio grandes dormitórios e muito bem acabados, partes dos quais ficam sobre o mar, com grande vista; cuja obra é de pedra e cal, com todas as escadas, portas e janelas de pedrarias, com varandas, e cubículos mui bem forrados, e por baixo lajeados com muita perfeição, o qual colégio tem grandes cercas até o mar, com água muito boa dentro, e ao longo do mar tem umas terracenas, onde recolhem o que lhe vem embarcado de fora. Tem este colégio, ordinariamente, oitenta religiosos, que se ocuparam em pregar e confessar alguma parte deles, outros ensinam latim, artes, teologia, e casos de consciência, com o que tem feito muito fruto na terra; o qual está muito rico, porque tem de Sua Majestade, cada ano, quatro mil cruzados e, davantagem, importar-lhe-á a outra renda que tem na terra outro tanto; porque tem muitos currais de vacas, onde se afirma que trazem mais de duas mil vacas de ventre, que nesta terra parem todos os anos, e tem outra muita granjearia de suas roças e fazendas, onde todas as novidades dos mantimentos, que se na terra dão em muita abundância. (SOUZA, 2001, p. 105-106)

O texto de Gabriel Soares traz uma descrição também repleta de detalhes que complementa a de Fernão Cardim, possibilitando uma ótima compreensão de como se caracterizava o Colégio dos Jesuítas em pleno século XVI. Coincide com Fernão Cardim sobre as características das edificações, a extensão do terreno cujas cercas iam até o mar e as matérias que eram lecionadas (latim, artes, teologia e casos de consciência). Diverge um pouco quanto à renda recebida do Rei para ajudar no custeio, já que Cardim fala em três mil cruzados e Gabriel Soares informa quatro mil cruzados. Apesar da pequena divergência, ambos relatos possibilitam entender o meio de subsistência do Colégio que se sustentava por subsídios reais e por meio da exploração econômica de suas terras: plantações, criações de animais, etc.

No ano de 1759, como referido anteriormente, a Companhia de Jesus foi expulsa de todos os territórios portugueses, por ordem do Marquês de Pombal e o Colégio e sua biblioteca foram fechados. Por provisão régia de 26 de outubro de 1765, a igreja do colégio dos jesuítas, onde estava exatamente localizada a biblioteca (em salão acima da sacristia, como foi visto), foi concedida para servir de Sé Catedral, que é até hoje (SPIX; MARTIUS, 1916). Muitos livros se perderam e foram alguns até vendidos para boticários como papel "para embrulhar adubos e unguentos". (LEITE, 1945, p. 94). Esse abandono da biblioteca durou cerca de 50 anos, pois em 13 de maio de 1811 foi fundada a Biblioteca Pública da Bahia, após ato solene dirigido por D. Marcos de Noronha e Britto,

8º Conde dos Arcos e, então, governador da Capitania da Bahia. A iniciativa da criação da biblioteca pública partiu do coronel Pedro Gomes Ferrão Castello Branco, intelectual baiano que apresentou ao governador um documento intitulado *Plano para o estabelecimento de huma bibliotheca publica na Cidade de S. Salvador - Bahia de Todos os Santos* (SOARES et al., 2011).

Com a fundação da Biblioteca Pública da Bahia, resolveu-se que a mesma deveria ser instalada nas dependências da antiga Livraria dos Jesuítas. O local passou por uma reforma geral e a Biblioteca Pública foi aberta ao público em 04 de agosto de 1811 (SOARES et al, 2011). Desse modo, a Biblioteca Pública da Bahia, se tornou, de certa forma, herdeira do que restou da antiga Livraria: o seu espaço físico e os livros que sobreviveram (figuras 8 e 9).

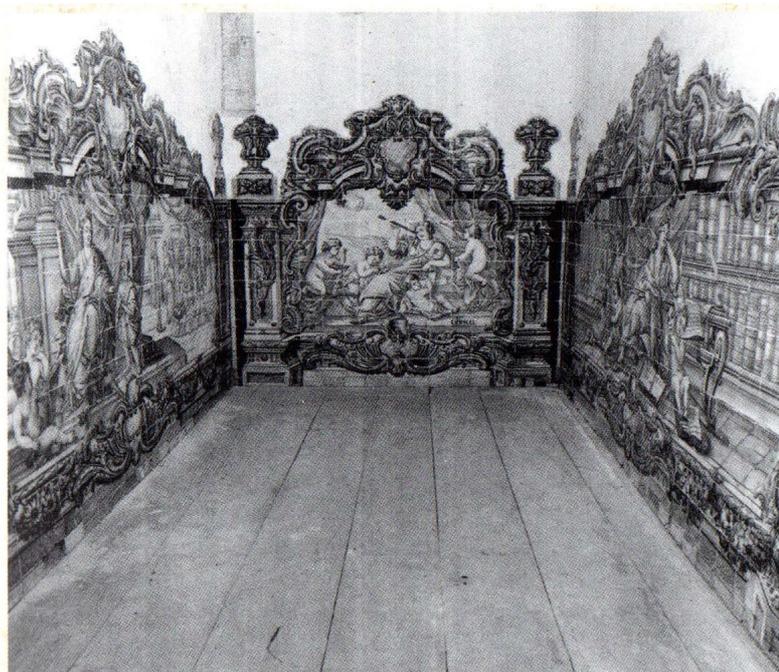
Fig. 8 - Salão de leitura da Biblioteca Pública da Bahia.



Fonte: Soares et al. (2011).

Na figura 9, podemos observar um dos ambientes da biblioteca, ricamente ornamentado com azulejos que retratam a temática dos livros e da leitura.

Fig. 9 - Sala do diretor da Biblioteca.



Fonte: Soares et al (2011)

Além do que foi herdado da antiga Livraria dos Jesuítas, o acervo da nascente Biblioteca Pública foi formado por doações do autor do projeto e primeiro diretor da Biblioteca (Pedro Ferrão) e de diversos intelectuais baianos que se tornaram subscritores da Biblioteca. Até mesmo o governador da Capitania enviou 80 obras, para o acervo que inicialmente continha 3000 volumes. Em 1818, a biblioteca recebe uma importante doação: o rei Dom João VI enviou 74 caixotes com duplicatas de livros da Real Biblioteca, em atendimento ao que foi sugerido pelo bibliotecário Luis Joaquim dos Santos Marrocos (SOARES et al, 2011).

A Biblioteca Pública da Bahia, herdeira direta da antiga Livraria dos Jesuítas, recebeu a visita de vários viajantes que a descreveram em seus diários. Um deles, bastante ilustre, o Imperador Dom Pedro II, a visitou em 1859 e encontramos em seus diários uma das mais ricas descrições de como era caracterizado o interior da biblioteca e seu acervo:

Depois de falar com o arcebispo, que se mostra disposto a conseguir, de um dos conventos de frades que por lá vi, o Hospital Militar, fui, depois das 7, à biblioteca junto à Sé Nova ou Colégio de Jesus. Compõe-se de uma saleta e de um salão grande com teto apanelado e pintado. Há 16 mil volumes em almários [*sic*]

de grade de arame e com uma varanda por todos os do salão [*sic*] a meia altura, para a qual se sobe por boas escadas, tudo de madeira envernizada. Quase nenhuma frequência tem havido de noite, desde que em abril se abre a biblioteca das 6 da tarde até 9 e 10'. O catálogo está impresso e é pena que a consignação não permite enriquecê-lo. Vi boas obras de jurisprudência mas as mais procuradas são as de medicina, mormente a de Bourgery por causa das estampas. Há seus livros desencaminhados e estampas tiradas. A iluminação é pouco clara, e faltam estantes para os que lêem com os pertences anexos para tomarem notas; o Gaspar Lisboa já se lembrou disto, mas o encarregado da obra não o compreendeu. Lá está o retrato de Cairu sendo justo colocar aí os de outros baianos, principalmente [os] que se tiverem distinguido pelas letras. Escrevi num álbum: "*Indocti discant et ament meminisse periti*. [Os indoutos aprendam e os doutos procurem recordar.] S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, 11 de outubro de 1859", com meu nome. (DOM PEDRO II, 2003, p. 96-97)

Como podemos perceber, Dom Pedro II fala sobre as dependências, o número de volumes do acervo, dos móveis onde era acondicionado o acervo, do novo horário de funcionamento noturno, das obras mais consultadas, da carência de iluminação, etc. Realmente, uma descrição bastante rica do estado da biblioteca naquela ocasião.

Além de Dom Pedro II, deixaram registros sobre a biblioteca, no século XIX, alguns outros viajantes. Os cientistas alemães Spix e Martius, em expedição realizada entre os anos de 1817 a 1820, passaram pelo Colégio dos Jesuítas e deixaram alguns apontamentos importantes:

O mais notável edificio da cidade alta é indubitavelmente o Collegio dos Jesuítas com a sua igreja contigua.

A igreja actual, em substituição a um edificio mais antigo e estragado serve de Sé e é presentemente pelas suas condições architectonicas o templo mais digno e grandioso de todo o Brazil, — monumento do poder e da riqueza dos seus constructores.

Alguns quadros de mestres hespanhoes, as decorações de bronze do côro, os preciosos doirados dos altares e um excellente orgão, foram trazidos da Europa; os labores de tartaruga que artezoam a sachristia vieram das Indias Orientais.

Na sala da bibliotheca da Ordem dos Jesuítas está collocado o resto dos objectos da Ordem.

Graças á actividade do anterior governador, Sr. Conde dos Arcos, um dos mais notaveis homens de estado, cujos sentimentos liberaes e litterarios foram sempre com gratidão reconhecidos na Bahia, conseguiu-se por meio de loterias uma valiosa collecção de impressos novos sobre todas as profissões, de modo a se possuir hoje para mais de doze mil volumes.

Este instituto acha-se aberto durante a maior parte do dia, sendo porém pouco visitado.

A maior parte do Collegio dos Jesuítas está occupada actualmente pelo Hospital Militar. (SPIX; MARTIUS, 1916, p. 55-56)

O missionário metodista norte-americano Daniel, Daniel Parish Kidder, em sua passagem

por Salvador por volta de 1840, também visitou a biblioteca e deixou dela um registro:

A velha catedral, edifício enorme, construído com grande dispêndio, estava bem desleixada. Numa de suas alas, de onde se avista soberbo panorama do pôrto, está instalada uma biblioteca pública. Seu regulamento é quase o mesmo da sua similar, no Rio-de-Janeiro. Contêm cerca de dez mil volumes, dos quais a maioria em francês. Conservam-se aí alguns manuscritos valiosos. Nas proximidades vêem-se o palácio do arcebispo, o seminário e o velho colégio dos Jesuítas, atualmente adaptado para hospital militar. Este último prédio, bem como o da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na praia, quase que se pode dizer que foram construídos na Europa; pelo menos a cantaria principal foi lavrada, acertada e numerada do outro lado do Atlântico e embarcada pronta para a construção. (KIDDER, 1951, p. 11-12)

Por último, encontramos ainda um registro a respeito da Biblioteca e do Colégio, no relato do viajante alemão Robert Avé-Lallemant que visitou a cidade de Salvador no mesmo ano que Dom Pedro II, em 1859. Em seu relato, o viajante ressalta primeiramente a suntuosidade da Igreja dos Jesuítas, especialmente o fato de ter sua fachada toda coberta de mármore:

No século passado, e mesmo antes, já se conhecia perfeitamente a importância do mármore na Bahia. Existem lá igrejas construídas inteiramente desse nobre material. Achei realmente notável a igreja dos jesuítas no Terreiro, a Igreja do Colégio. Aí o mármore sobe até à abóbada; a igreja é suntuosa, embora não obedeça ao mais rigoroso estilo eclesiástico. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 25)

Mais adiante, em sua narrativa Lallemant traz informações muito interessantes. Apresentando informações estatísticas da educação na Bahia, traz também breve estatística da própria biblioteca: "A biblioteca pública contava 16 654 volumes e foi visitada por 2 902 pessoas, das quais muitas só para ver as coleções e não para utilizarem-se delas." (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 55)

O número de volumes apontado por Lallemant está próximo ao que foi referido por Dom Pedro II (16.000 volumes, segundo esse último). No entanto, sendo mais preciso numericamente, e informando também o número de visitantes, parece ter conseguido acesso a algum documento com as estatísticas da biblioteca naquele ano.

A biblioteca permaneceu em funcionamento no antigo espaço da Livraria dos Jesuítas até o ano de 1900, quando, após uma série de crises políticas e institucionais, a biblioteca é transferida

para o Palácio do Governo, hoje Palácio Rio Branco onde permaneceu até o bombardeio sofrido em 1912 que provocou um incêndio no Palácio, atingindo inclusive a biblioteca que perdeu a maior parte de suas obras.

Uma forte crise política se deu após a renúncia do então governador do estado, Araújo Pinho, que culminou com o bombardeio comandado pelo general Sotero Menezes, autorizado pelo Presidente da República Hermes da Fonseca. Tiros de canhão foram disparados durante quatro horas a partir dos Fortes do Barbalho e de São Marcelo contra o Palácio.

O resultado de tal ato de selvageria fica estampado nos destroços espalhados por todo lado, e a Biblioteca é bastante atingida. Perdem-se quase todas as obras conseguidas durante anos a fio, fruto da constante luta dos seus dirigentes, funcionários e colaboradores (...) Depois do fogo, a pilhagem é geral: quase tudo é roubado, inclusive os móveis (...) Algumas preciosidades são salvas, como *Os Sermões*, de Vieira, a *Coleção de poesias minhas*, de Manuel Alves Branco, visconde de Caravelas, e um exemplar original de 1836, dos *Suspiros poéticos e saudades*, do visconde de Araguaya, Domingos José Gonçalves de Magalhães, todo marcado de ferraduras, pisoteado que fora pelos cavalos. (SOARES et al, 2011, p.89-90)

O que restou da Biblioteca foi transferido para prédio próximo e um mês depois voltou ao Palácio. Contudo, considerando-se a necessidade de um espaço exclusivo para a Biblioteca, esta conseguiu em 1919 a sua sede própria. A sede, um prédio bastante imponente (figura 10), foi construída na mesma Praça Rio Branco (atual Praça Tomé de Sousa ou Praça Municipal), no lado oposto ao Palácio onde estava instalada anteriormente. Lá permaneceu até 1970 quando ganhou nova sede mais ampla e moderna no bairro dos Barris, onde está instalada até hoje (figura 11). Antes da transferência para sede atual chegou a sofrer outro incêndio em 1961 quando perdeu novamente quase todo o acervo.

Tentando-se buscar pistas sobre a possível sobrevivência, nos dias atuais, de algum exemplar do acervo original da Biblioteca dos Jesuítas, encontramos um comentário do ilustre médico e literato baiano, Afrânio Peixoto, que, em sua obra *Breviário da Bahia*, teceu algumas palavras sobre o assunto:

A livraria dos Padres Jesuítas foi começada em 1564, com os livros comuns que se

ajuntaram e ficaram, quando foi da expulsão dêles, em 1759... entregues às traças pelo desmazêlo, como a Igreja e o Colégio, quase arruinado, no fim do século XVIII. A *Bíblia Polyglotta* é precioso remanescente dêsses livros. (PEIXOTO, 1945, p. 288)

Afrânio Peixoto, nessa passagem, cita como remanescente, a *Bíblia Polyglotta*, todavia não esclarece onde estaria tal obra. Buscando-se no catálogo online da Biblioteca Pública da Bahia, não se encontra essa obra, não se sabendo o paradeiro dela nos tempos atuais. Buscando-se no catálogo da Biblioteca Nacional, acha-se vários exemplares dessa mesma Bíblia, alguns do século XVI, sendo o mais antigo publicado em 1514.

Fig. 10 - Primeira sede própria da Biblioteca Pública da Bahia no dia de sua inauguração em 1919.



Fonte: Soares et al (2011).

Fig. 11 - Sede atual da Biblioteca Pública da Bahia



Fonte: Jornal A Tarde.

Portanto, a atual Biblioteca Pública, herdeira direta da antiga Livraria dos Jesuítas, teve uma história conturbada, com transferências, crises institucionais e dois incêndios que dilapidaram o pouco que ela havia herdado do antigo acervo da Livraria dos Jesuítas. Se ainda existe algum exemplar do acervo, não se sabe ao certo. Por sorte, algo ainda restou da antiga Livraria do Colégio: o seu antigo espaço continua de pé, já que a atual Catedral, antiga Igreja dos Jesuítas, continua lá no Terreiro de Jesus, com seu suntuoso salão acima da sacristia e a bela pintura que decora o seu teto (figs. 12-15). Foram-se os livros, porém ficou o espaço.

Fig 12 - Imagem atual da fachada da antiga Igreja do Colégio, hoje Catedral Basílica, em cujo interior funcionou por séculos a Livraria dos Jesuítas.



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Foto de Ronaldo S. do Amaral.

Fig. 13 - Fachada do antigo Colégio dos Jesuítas e atual Faculdade de Medicina da Bahia.



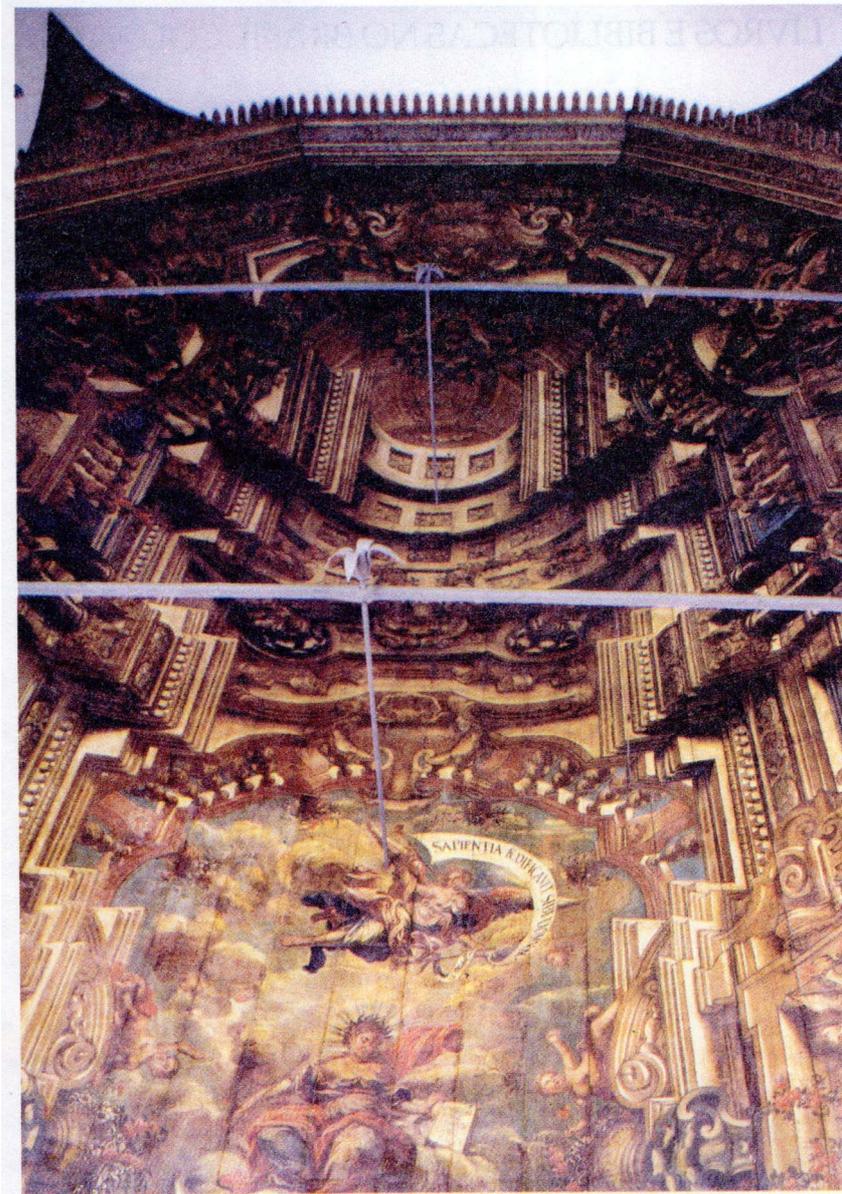
Fonte: Arquivo pessoal do autor. Foto de Ronaldo S. do Amaral.

Fig. 14 - Portal de entrada do antigo colégio dos jesuítas, atual Faculdade de Medicina da Bahia.



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Foto de Ronaldo S. do Amaral.

Fig. 15 - Teto da antiga Biblioteca dos Jesuítas



Fonte: Leal (2002)

## **CAPÍTULO 4: A Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia**

O Mosteiro de São Bento da Bahia, o primeiro das Américas, foi fundado em 1582, e junto com ele, a sua preciosa biblioteca.

Conforme visto anteriormente, monges beneditinos foram enviados a cidade de Salvador em 1575 com o intuito de verificar a possibilidade de fundação de um mosteiro em terras brasileiras. Em 1580, foi aprovada pelo Capítulo Geral da Congregação Lusitana da Ordem de São Bento a fundação do mosteiro e, na Páscoa de 1582, aportaram na Bahia nove monges que foram os fundadores do Mosteiro de São Bento da Bahia. Eles se instalaram em um terreno fora dos muros da cidade, onde já existia uma pequena ermida dedicada à São Sebastião.

Em 1584, o Mosteiro foi elevado a condição de Abadia e passou a denominar-se Abadia de São Sebastião da Bahia. O nome pelo qual ficou popularmente conhecido, entretanto, foi o de Mosteiro de São Bento da Bahia. Desde então, o monastério foi gradativamente se estruturando graças, além do abnegado trabalho dos monges, à colaboração de benfeitores, dentre eles figuram os nomes do já citado Gabriel Soares, bem como a conhecida índia Catarina Paraguaçu (LOSE et al, 2009).

Sobre a lendária índia Catarina Paraguaçu é interessante a sua relação com o Mosteiro de São Bento, pois, segundo texto que consta no portal institucional do Mosteiro na internet, o Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, também propriedade dos monges Beneditinos e localizado no bairro da Graça em Salvador, teve sua origem em igreja fundada em 1535 por Diogo Alvares, o Caramuru (como se sabe, esposo da índia Paraguaçu), E esta igreja e seus terrenos adjacentes foram doados pela índia Paraguaçu aos monges beneditinos em 16 de julho de 1586, onde foi erguido o mosteiro existente até hoje, cuja igreja é considerada a mais antiga da cidade de Salvador, já que é datada em 1535, ou seja, anterior à Igreja dos Jesuítas e à própria fundação da cidade de Salvador (MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA, 2017)

A partir de 1586 os monges baianos iniciaram a fundação de mosteiros em outras cidades brasileiras. O mosteiro de Olinda foi fundado em 1586, o do Rio de Janeiro fundou-se em 1590 e o de São Paulo em 1598. Dessa forma, em 1596 o Mosteiro da Bahia recebeu o título de Arquicenóbio do Brasil (LOSE et al, 2009).

Como já foi visto nos capítulos 1 e 2, ocorreu em 1624 a invasão holandesa da cidade de Salvador e o mosteiro foi transformado em quartel militar holandês. Felizmente, após um ano de ocupação, os monges puderam retornar ao mosteiro, recuperar suas instalações e ampliá-las.

Ao contrário do trágico destino da Biblioteca dos Jesuítas, o Mosteiro de São Bento conserva até hoje, em seu interior, a sua preciosa biblioteca, a qual pode ser vista nas fotos a seguir:

Fig. 16 - Portal de entrada da Biblioteca do Mosteiro de São Bento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Foto de Ronaldo S. do Amaral.

Fig. 17 - Interior da Biblioteca do Mosteiro de São Bento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Foto de Ronaldo S. do Amaral

Fig. 18 - Sala de estudos e porta de entrada do Centro de Documentação e Pesquisa do Livro Raro, da Biblioteca do Mosteiro de São Bento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Foto de Ronaldo S. do Amaral.

Ao contrário da Biblioteca dos Jesuítas, não encontramos registros da Biblioteca do Mosteiro de São Bento nos relatos dos viajantes pesquisados. Daniel P. Kidder e Dom Pedro II visitaram a igreja do mosteiro, contudo nem ao menos mencionam a biblioteca. Spix e Martius também não citam a biblioteca do mosteiro. Isso sugere que a Biblioteca do Mosteiro de São Bento era de acesso mais restrito. Além disso, quando esses viajantes passaram pela Bahia, no século XIX, o espaço da antiga Livraria dos Jesuítas já havia se tornado Biblioteca Pública e, portanto, sendo pública, era de muito mais fácil acesso.

Em textos anteriores ao século XIX, como os de Fernão Cardim e Gabriel Soares de Souza não há também menção a biblioteca do Mosteiro de São Bento. Nesse último autor, contudo, há uma boa descrição do Mosteiro, que julgamos importante citar, por ser um texto escrito em 1587, portanto nos primórdios deste mosteiro:

Passando mais avante com o rosto ao sul, no outro arrebalde da cidade, em um alto e campo largo, está situado um mosteiro de São Bento, com sua claustra, e largas oficinas, e seus dormitórios, onde se agasalham vinte religiosos que naquele mosteiro há, os quais têm sua cerca e horta com uma ribeira de água, que lhe nasce

dentro, que é a que rodeia toda a cidade, como fica atrás dito. Esse mosteiro de São Bento é muito pobre, o qual se mantém de esmolas que pedem os frades pelas fazendas dos moradores, e não tem nenhuma renda de Sua Majestade, em quem será bem empregada, pelas necessidades que tem, cujos religiosos vivem santa e honesta vida, dando de si grande exemplo, e estão benquistos e mui bem recebidos do povo, os quais haverá três anos que foram a esta cidade, com licença de Sua Majestade fundar este mosteiro, que lhes os moradores dela fizeram à sua custa, com grande fervor e alvoroço (SOUZA, 2001, p. 107).

Essa passagem de Gabriel Soares é bastante interessante pois traz informações sobre como estava configurado o Mosteiro de São Bento em seus primórdios. Ao contrário do Colégio dos Jesuítas, vivia apenas de esmolas e não contava com o subsídio financeiro do Rei sendo, por isso, considerado "muito pobre". Gabriel Soares, sendo um de seus benfeitores, aproveita o ensejo para sinalizar que seria proveitosa a ajuda real. Além disso, o relato é precioso do ponto de vista geográfico, já que traz a importante informação de que existia "uma ribeira de água" que rodeava toda a cidade de Salvador e a nascente dessa ribeira era justamente no interior da propriedade do Mosteiro. Essa informação é preciosa, pois, atualmente, não se vê mais na cidade tal rio. Observando-se as figuras 1 e 3, percebe-se que se tratava de um curso d'água realmente considerável e que deveria embelezar bastante a cidade, sendo triste a constatação de que a evolução urbana simplesmente fez desaparecer esse recurso natural. Apesar da triste constatação, resta ainda a esperança que, futuramente, com os progressos da legislação ambiental e da conscientização ecológica, esse curso d'água possa ser recuperado algum dia.

Sobre Gabriel Soares é interessante o fato, observado por Dom Pedro II em seus diários, de que ele se encontra sepultado no interior desse mosteiro. Em sua sepultura, próxima a porta de sacristia está a inscrição: "Aqui jaz um pecador". Dom Pedro II se questiona em seus diários: "Será o que escreveu sobre o Brasil?". E, de fato, a sepultura é a de Gabriel Soares autor do livro já aqui bastante citado *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, conforme nos informa a nota do editor dos diários de Dom Pedro II (DOM PEDRO II, 2003).

Apesar de não encontrarmos referência em textos antigos sobre a Biblioteca do Mosteiro de São Bento, encontramos referências em textos recentes, como o de Lose et al (2009), já aqui citado,

e o de Paixão (2011).

O acervo da biblioteca do Mosteiro reúne por volta de 300 mil volumes, contando com obras raríssimas, incluindo documentos ainda do século XVI. Lá se podem encontrar sermões, bulas papais, documentos históricos sobre o mosteiro, cartas de alforria de escravos, documentos de personalidades famosas da história da Bahia, como os já citados Gabriel Soares, Catarina Paraguaçu, Diogo Alvares (Caramuru), dentre outros (LOSE et al, 2009).

Uma das obras raras presentes no acervo foi alvo de uma dissertação de Mestrado de Andrade (2010). Trata-se do Livro do Tombo, obra importante para o estudo da história dos primeiros três séculos do Brasil, tendo em vista reunir documentos como cartas de sesmarias, registros, doações, testamentos, etc. Na dissertação, a autora analisa a estrutura física e o conteúdo do Livro I do Tombo, bem como traz uma transcrição do documento original, que é manuscrito, facilitando, pois, a sua leitura por futuros pesquisadores.

Outra obra rara e importante refere-se ao *Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia*, que foi também objeto de estudo e transcrita no livro já anteriormente citado de Lose et al (2009). Trata-se de um documento que relata breve biografia de cada um dos monges que viveram no mosteiro desde 1582 até 1815.

Pelo texto que consta no livro o *Mosteiro de São Bento na Bahia* organizado por Dom Gregório Paixão, podemos saber como está atualmente estruturada a biblioteca:

A Biblioteca, hoje aberta ao público, é dividida em quatro setores:

- o Setor de Referência, com obras do século XIX ao XXI, boa parte delas já catalogadas no Sistema Integrado de Bibliotecas, disponíveis e acessíveis ao grande público;
- o Setor de Obras Raras (no Centro de Documentação e Pesquisa do Livro Raro Dr. Norberto Odebrecht, espaço contíguo à biblioteca), com obras impressas do século XVI ao XIX;
- o Laboratório de Restauração em Papel, onde são feitas intervenções e restauro em livros e documentos manuscritos raros ou especiais;
- o Setor de Encadernação, onde se encadernam ou reencadernam obras modernas e periódicos.

(PAIXÃO, 2011, p. 302)

Sugere-se por essa passagem de texto que a biblioteca deveria realmente ser de acesso

restrito até recentemente, já que se afirma "hoje aberta ao público". O que pode explicar o fato dessa biblioteca não ser mencionada nos relatos de antigos viajantes, nem mesmo nos relatos daqueles que visitaram o mosteiro, como Dom Pedro II e Daniel P. Kidder.

Atualmente, a biblioteca além do seu acervo histórico, possui acervo que atende aos estudantes da Faculdade São Bento, instituição também mantida pelo monastério e que oferece os cursos de Psicologia, Filosofia, História, Teologia, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física (MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA, 2017).

A Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia, após 435 anos de existência, continua, portanto, viva e atuante, não só como guardiã da história, mas como local de formação da nova intelectualidade baiana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da escassez de bibliografia sobre o assunto, o presente estudo conseguiu buscar pistas sobre as primeiras bibliotecas do Brasil a partir da leitura e análise de relatos de viagem, cartas, livros, artigos e imagens.

Identificaram-se duas bibliotecas como as mais antigas, por terem sido fundadas ainda no século XVI: a Biblioteca dos Jesuítas e a Biblioteca do Mosteiro de São Bento.

Pela recorrente menção ao Colégio dos Jesuítas nos textos antigos, incluindo textos escritos ainda no século XVI, percebe-se a importância social dessa instituição no Brasil colonial. Os jesuítas tiveram papel pioneiro e fundamental no desenvolvimento cultural brasileiro. Já nos primórdios da nação, construíram estabelecimentos de ensino, trouxeram livros e ministraram aulas, numa época em que tais tarefas ainda não eram assumidas diretamente pelo Estado.

Os beneditinos também não ficaram atrás. Algumas décadas depois dos jesuítas, também iniciaram trabalho em prol da cultura e da difusão do saber. Trabalho que realizam até hoje no mesmo espaço físico de séculos atrás.

Nas décadas que se seguiram, as mesmas ordens iniciaram trabalho semelhante em outras capitanias. Sugere-se, pois, que estudos futuros busquem investigar as obras da Companhia de Jesus e da Ordem de São Bento em outras cidades brasileiras. Também seriam bastante relevantes estudos que explorassem as possíveis bibliotecas de outras ordens religiosas, especialmente a dos Franciscanos, que também estão presentes no Brasil desde o princípio do processo de colonização.

É lastimável o desaparecimento do acervo da Biblioteca dos Jesuítas após os anos que ficou abandonada em virtude da expulsão dos jesuítas e a destruição do que possivelmente havia restado com os dois incêndios sofridos pela Biblioteca Pública, herdeira direta da antiga Livraria dos Jesuítas, ocorridos em 1912 e 1961. De qualquer forma, ainda existe o espaço físico original, que é ocupado atualmente por um museu da Catedral. Não parece utópico pensar que esse espaço poderia

ter sua função original retomada e a coleção poderia ser reconstruída.

Felizmente, a Biblioteca do Mosteiro de São Bento sobrevive desde o primeiro século do Brasil, mantendo sua importante função social e de preservação histórica.

Esperamos que um dia a antiga Livraria do Colégio Jesuíta, primeira biblioteca do Brasil, seguindo o exemplo da moderna Biblioteca de Alexandria no Egito que tenta fazer renascer o papel vanguardista dessa localidade como celeiro da intelectualidade no mundo, também renasça e reassuma seu papel de primeiro celeiro da vida intelectual brasileira.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador**. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

ANDRADE, Marla Oliveira. **Uma porta para o passado : edição de documentos dos séculos XVI e XVII do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

ARAUJO, Andre de. **Dos livros e da leitura no claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da biblioteca-livraria do mosteiro de São Bento de São Paulo (sécs. XVI-XVIII)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10022009-124405/publico/DISSERTACAO\\_ANDRE\\_ARAUJO.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10022009-124405/publico/DISSERTACAO_ANDRE_ARAUJO.pdf)> Acesso em: 06 set 2017

ARRUFAT, Antonio Ramón. **A ordem beneditina: (resumo historico)**. Rio de Janeiro: Livraria Catholica, 1933.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. (1859)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

CAMPOS, João da Silva. **Tempo antigo: crônicas d'antanho, marcos do passado, histórias do Recôncavo**. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1942

CARDIM, P. Fernão. **Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, S. Paulo, etc. desde o anno de 1583 ao de 1590 indo por visitador o P. Christovão de Gouvêa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1817.

CASTRO, Sílvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2008

DOM PEDRO II. **Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas -1859**. Rio de Janeiro: Letras & Expressões; Bom Texto, 2003.

GALISTEO, Carmen Lucia Silva de. **Biblioteca Erico Veríssimo: O Registro de sua história**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/16439>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte): compreendendo notícias históricas e geográficas do império e das diversas províncias**. São Paulo: Livraria Martins, 1951.

LEAL, Fernando Machado. **Catedral Basílica de São Salvador da Bahia: 1657**. Salvador: IPAC, 2002.

LEITE, Serafim. **Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil: (1549-1760)**. Lisboa: Edições Brotéria, 1953. 324 p.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil: tÔmo I (século XVI - o estabelecimento)**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil: tÔmo V, da Bahia ao Nordeste**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.

LOSE, Alicia Duhá et al. **Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia: edição diplomática**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MONTANUS, Arnoldus. **De Nieuwe en onbekende wereld: of Beschryving van America en't zuid-land**. Amsterdã: Jacob van Meurs, 1671. Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/item/518/>>

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet De Lemos, 2006.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA. Portal institucional. Disponível em: <<http://www.saobento.org>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

NOBREGA, Manuel da; LEITE, Serafim. **Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega: (opera omnia)**. Coimbra: Univ Coimbra, 1955. 570 p.

NOBREGA, Manuel da. **Cartas jesuíticas 1: cartas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

NUNES, Rosemeire Irene da Silva. **Biblioteca Braille de Goiânia: história e desenvolvimento**. Universidade Federal de Goiás, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4439/5/TCCG%20-%20BIBLIOTECONOMIA-ROSEMEIRE%20IRENE%20DA%20SILVA%20NUNES.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2017.

RIBEYROLLES, Charles. **Brasil pitoresco: história - descrições - viagens - colonização - instituições**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

RICHARDSON, Roberto Jarry e col. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

PAIXÃO, Gregório Dom (Org.). **O Mosteiro de São Bento da Bahia**. Rio de Janeiro, RJ: Versal; São Paulo: Odebrechet, 2011.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. Rio de Janeiro: Agir, 1945.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2010.

SANTOS, Fabrício Lyrio. A expulsão dos jesuítas da Bahia: aspectos econômicos. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 171-195 - 2008

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Alberto. **A cidade do Salvador: aspectos seculares**. Salvador: Livraria Progresso, 1957.

SILVA, Márcia Regina Barros da; FERLA, Luis; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. Uma 'biblioteca sem paredes': história da criação da Bireme. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Mar 2006, vol.13, no.1, p.91-112. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13n1/06.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2017.

SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte , v. 13, n. 2, p. 219-237, Aug. 2008 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362008000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362008000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 set. 2017.

SOARES, Francisco Sérgio Mota. et al. **A Biblioteca Pública da Bahia: dois séculos de história**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 2001.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Através da Bahia: Excerptos da obra reise in brasilien**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1916.

VIEIRA, Padre Antonio. **A invasão holandesa da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso, 1955.